

Uma elaboração de ponta para uma problemática espinhosa: a construção do conceito de “redução estrutural” na trajetória intelectual de Antonio Candido¹

A high-end elaboration for an intriguing problem: the construction of the concept “structural reduction” throughout Antônio Cândido’s intellectual trajectory

Larisse Marques Domingues

Possui graduação em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2017). O foco de pesquisa se centra nos Estudos Literários, especificamente, na articulação entre literatura e sociedade.

E-mail: larissemarquesd@hotmail.com

Rafael Lucas Santos da Silva

Mestrando na área de Estudos Literários, na Linha de Pesquisa Literatura e Historicidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Graduado em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu.

E-mail: i3rafael@hotmail.com

Resumo: Trata-se de discutir aqui as implicações das reflexões analíticas de Antonio Candido (1918-2017) a respeito das relações entre forma literária e processo histórico-social, isto a fim de demonstrar como o processo a que ele denominou de *redução estrutural*, considerado por Schwarz (1989) e Waizbort (2007) como elemento medular em seu posicionamento metodológico, superou entraves teóricos e metodológicos acerca das nuances e complexidades da especificidade da composição do fenômeno literário. Pode-se observar que, desde a publicação de sua tese sobre Sívlio Romero, em 1945, até o surgimento do ensaio *Crítica e Sociologia*, incluído no livro *Literatura e Sociedade*, em 1965, o autor de *Parceiros do Rio Bonito* desbravou um caminho ao longo desses 20 anos que lhe permitiu conceber o nexo de relação entre a sociedade e a literatura não como a obra literária condicionada pelos processos histórico-sociais, mas, em vez disso, que estes se tornam internos na obra literária, sendo compreendidos em seu núcleo estético. À vista disso, concebe-se que a sua obra enriquece os estudos da crítica literária dialética fundada no materialismo da perspectiva estética e histórica do marxismo.

Palavras-chave: Antonio Candido. Redução Estrutural. Crítica dialética.

Abstract: It is aimed to discuss the implications of Antonio Candido's (1918-2017) analytical reflections on the relations between literary form and historical-social process, in order to

¹ Conforme pode ser observado pela epígrafe, a inspiração para elaboração deste título, e consequentemente a construção do próprio artigo, foi retirada de uma entrevista de Roberto Schwarz acerca dos estudos da obra teórico-crítica de Antonio Candido.

demonstrate how the process, he named structural reduction, considered by Schwarz (1989) and Waizbord (2007) as a core element in his methodological positioning, overcame theoretical and methodological obstacles about the nuances and complexities of the specificity of the literary phenomenon composition. It may be noted that since the publication of his thesis on Silvio Romero in 1945 until the appearance of the essay *Crítica e Sociologia*, in the book *Literatura e Sociedade*, in 1965, the author of *Parceiros do Rio Bonito* opened a path over 20 years which allowed him to conceive the nexus of relation between society and literature not as the literary work conditioned by the social-historical processes, but instead, these become internal in the literary work, being perceived in its esthetic nucleus. In this view, it is conceived that his work enriches literary studies of dialectical criticism based on materialism of the Marxism aesthetic and historical perspective.

Keywords: Antonio Candido. Structural reduction. Dialectical criticism.

1 Considerações iniciais

A ideia da redução estrutural, que comanda os seus ensaios mais ambiciosos, é uma resposta muito bem achada para a questão talvez mais espinhosa da crítica moderna, a saber, a relação interna e nunca automática entre literatura e vida social. É uma elaboração de ponta.

Roberto Schwarz (2009)²

Por ser uma rede maleável de implicações histórico-sociais e humanas, o discurso literário provocou diversas interações epistemológicas, com diversificadas reflexões teóricas e metodológicas no século XX. Antes disso, Berrio e Fernández (1999) apontam que o estudo da literatura era realizado, sobretudo, de forma que “atendesse aos princípios caducos de uma retórica empobrecida, ou então orientava-se para um historicismo que tratava as obras artísticas como documentos históricos” (p. 83). Das diversas correntes surgidas, a que se tornou um paradigma hegemônico foi a crítica estruturalista. Segundo Eagleton (2006), o Estruturalismo buscou, inicialmente, “aplicar à literatura os métodos e interpretações do fundador da linguística estrutural moderna, Ferdinand de Saussure” (p. 145).

A crítica estruturalista enfocava a estrutura verbal do texto, cujas exegeses progressivamente estabeleceram “um repúdio obstinado de todo vínculo significativo entre texto e contexto” (MERQUIOR, 1990, p. 428). De fato, Cevasco (2013) sustenta tal argumento, esclarecendo-nos que no século XX houve uma expansão inédita na pesquisa universitária de distintas correntes teórico-críticas e que “muitas delas até concordariam que o social funciona como pano de fundo, mas a grande maioria rejeita as ligações formativas entre produção cultural e contexto sociohistórico” (p. 16).

As buscas de realizar a mediação entre texto e contexto ocorrem a partir de autores que concebiam a forma estética do fenômeno literário a partir de uma perspectiva materialista. Os mais reconhecidos desses autores, pertenciam ao que é

² Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/ls/article/download/24695/26572>. Acesso em: 07 mar. 2019.

denominado *marxismo ocidental*. Trata-se do húngaro Georg Lukács (1885-1971) e dos alemães Walter Benjamin (1892-1940) e Theodor Adorno (1903-1969), os quais, embora cada um tenha biografia intelectual própria, visaram fundamentar a relação entre forma literária e processo histórico-social. No arguto trabalho intitulado *Marxismo e Forma*, Jameson (1985) assinalou que o problema inicial que a crítica literária dialética “tem de enfrentar é o da unidade da obra literária, sua existência como coisa completa, um todo autônomo, o qual, na verdade, resiste à assimilação à totalidade do aqui e agora históricos” (p. 240). Acreditamos, portanto, que as reflexões analíticas de Antonio Candido (1918-2017) permitiram solver esse problema assinalado por Jameson (1985) ao propor o conceito de *redução estrutural*, concebido como “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (CANDIDO, 1993, p. 9). Tal conceito é um dos pontos de inflexão do posicionamento metodológico moldado ao longo da trajetória intelectual e acadêmica em que nutriu interesse de como compreender o fenômeno literário de um modo mais completo, sem reducionismos e mutilações a sua autonomia, como esclarece no seguinte enunciado de sua tese sobre Sílvia Romero em 1945:

um dos maiores perigos para os estudos literários é esquecer esta verdade fundamental: haja o que houver e seja como for, em literatura a importância maior deve caber à obra. A literatura é um conjunto de obras, não de fatores, nem de autores. Uns e outros têm grande valor e vão incidir fortemente na criação; devem e precisam ser estudados; não obstante, são acessórios, quando comparados com a realidade final, cheia de graça e força própria, que age sobre os homens e os tempos: a obra literária (CANDIDO, 2006, p. 183).

Assim, a rigor, o propósito no que segue é discutir e demonstrar alguns aspectos importantes da postulação do conceito de *redução estrutural* para os estudos literários, especialmente à crítica literária dialética, e sua relação com outras obras de crítica, história e sociologia, tentando circunscrever sua atualidade.

2 Antonio Candido e a “crítica integradora”: em busca de uma perspectiva sofisticada de crítica voltada para uma fecunda mediação entre análise formal e processo histórico-social do fenômeno literário

Pode-se considerar que a trajetória acadêmica e intelectual de Antonio Candido principia em 1939, dois anos depois do golpe de estado sucedido para instaurar a ditadura do Estado Novo, quando aos 21 anos ingressa na Universidade de São Paulo para cursar Ciências Sociais, começando a publicar já em 1940 na revista *Clima* (destacando-se, em especial, os seguintes colaboradores: Décio de Almeida Prado (1917-2000), Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), Lourival Gomes Machado (1917-1967), Ruy Coelho (1920-1990), Gilda Rocha [depois Mello e Souza] (1919-2005) e Antonio Candido (1918-2017)). No ano de 1944 foi convidado por Mário Neme (1912-1973) para integrar um grupo de jovens intelectuais dos quais seriam recolhidos depoimentos a respeito das transições sociais decorrentes da instauração da ditadura

do Estado Novo, das limitações que esta impôs à liberdade de pensamento e expressão e suas considerações sobre a geração a que pertenciam, sendo tais depoimentos coordenados pelo próprio Mário Neme, integrados no livro *Plataforma da Nova Geração*, cuja publicação é de 1945.

Para o jovem Candido, a situação dominante o preocupava devido à potencialização das atitudes mentais reacionárias; por isso, naquele período em que vivia, considerava que a “tarefa máxima deveria ser o combate a todas as formas de pensamento reacionário” (CANDIDO, 2002, p. 245). Com isso, Candido (2002) pretendeu deixar de lado todos os velhos instrumentos teóricos que não permitissem compreender a dinâmica social e que, em vez disso, incorressem no favorecimento das elites. Por esse motivo, Mota (1977), ao fazer um levantamento das principais ideias sobre a cultura brasileira, procurando estudá-las em suas ideologias, considerou que

[...] o depoimento de Antonio Candido é importante porque é radical. *Não é revolucionário, propriamente; é radical*. Carrega consigo os elementos teóricos indicadores do sentido da *ruptura* com os quadros intelectuais anteriores, e lança pontos de partida para a organização de uma nova matriz de pensamento. Por essa razão, pode ser considerado um marco cultural (p. 127, grifos do autor).

A identificação desse posicionamento de ruptura do jovem Candido, enquanto era somente crítico de rodapé no Jornal *Folha da Manhã*, já revela o impacto que causaria suas reflexões nos estudos literários. Assim, esse impacto através da busca de uma nova matriz de pensamento se iniciaria no ano seguinte ao do depoimento, em 1945, quando é publicada sua tese de livre-docência, *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*. Conforme Waizbort (2007), nessa proposta propedêutica ao crítico sergipano se anuncia um “procedimento crítico que vai perpassar toda a trajetória de Antonio Candido, ganhando formulações variadas, mas acenando sempre para essas dimensões interna e externa e o nexos que as articula” (p. 90).

Em grande parte, a atividade de análise das obras literárias realizadas por Sílvio Romero, por meio de uma postura excessivamente determinista, pretendeu extrair seus significados sociais, com total desprezo da “especificidade do fenômeno literário” (CANDIDO, 2006, p. 175). Sem, todavia, se direcionar por uma mentalidade a-histórica, em que desconsideraria a obra literária como produto social, Candido (2006) epistemologicamente alerta tratava de deixar de lado todos os instrumentos teóricos da concepção positivista da sociologia, com aquela postura de ruptura que revelou em seu depoimento na *Plataforma da Nova Geração*.

Ora, que a literatura nos pode esclarecer sobre um dado momento histórico, é notório. O que não é possível, do ponto de vista da crítica e história literária, é usá-la com este propósito, mesmo porque se impõe justamente o contrário. Nas relações entre a literatura e os fatos sociais, devemos nos lembrar sempre de que estes devem nos servir para esclarecer a natureza daquela, e não ela para elucidá-los. O crítico deve comportar-se como crítico e jamais como sociólogo (CANDIDO, 2006, p. 184).

O crítico literário precisaria, portanto, comportar-se de acordo com a especificidade literária da obra que estuda. Por isso, Waizbort (2007) considera que uma das tarefas divisadas na tese sobre Sílvio Romero “foi tornar a crítica especificamente literária” (p. 105). Tendo isso em vista, encontra-se nas reflexões posteriores de Antonio Candido um caminho trilhado em busca de delinear essa crítica. Como consta no *Prefácio da 2ª Edição*, quando em 1961 surge nova tiragem da tese sobre Sílvio Romero, a importância desse estudo está em “marcar o ponto de partida das posições críticas a que cheguei” (CANDIDO, 2006, p. 14). Assim, o estudo sobre as análises críticas de Sílvio Romero é um marco, um momento crucial, do posicionamento crítico de Antonio Candido. Com ele, as reflexões de Candido (2006) se voltam para o interesse de como compreender o fenômeno literário de um modo mais completo, sem reducionismos e mutilações a sua autonomia, procurando “sugerir uma crítica integrativa, superando os resquícios de naturalismo, que ainda sobreviviam, e mostrando as limitações do ponto de vista sociológico” (CANDIDO, 2006, p. 15, grifo nosso).

O interesse de buscar compreender a obra na sua integridade estética era, com efeito, o cerne da reflexão analítica de Antonio Candido, o que foi realizado com impressionante competência. Tanto assim, que Candido (2009) sem rebuscos enfrenta os problemas espinhosos referentes às atitudes críticas de sua época, as quais ou reduziam as obras literárias a meros reflexos documentais da sociedade ou ao isolacionismo formalista, onde se evitava taxativamente reportar-se aos fatores sociais condicionantes. Dessa forma, segundo o programa traçado tratava-se de “aceitar o contraditório” (CANDIDO, 2009, p. 32), pois somente assim se poderia evitar o comportamento lúgubre de quem reduz a riqueza do fenômeno literário pela postura dogmática que surge a partir das teorias perfilhadas. Assim, o comportamento adequado do crítico já não é o do desrespeito à obra — muito pelo contrário. Assim, em 1959 estabelecia que

não há uma crítica única, mas vários caminhos, conforme o objeto em foco; ora com maior recurso à análise formal, ora com atenção mais acurada aos fatores. Querer reduzi-la ao estudo de uma destas componentes, ou qualquer outra, é erro que compromete a sua autonomia e tende, ao limite, a destruí-la em disciplinas afins (CANDIDO, 2009, p. 34).

Pode-se perceber como o argumento de Jameson (1985), em seu trabalho de 1971, *Marxismo e Forma*, converge a esse argumento de Candido (2009), pois o autor propõe que,

[...] para uma crítica genuinamente dialética, na verdade, não pode haver nenhuma categoria de análise preestabelecida: na medida em que cada obra é o resultado final de uma espécie de lógica interna ou do desenvolvimento no seu próprio conteúdo, ela produz suas próprias categorias e dita os termos específicos de sua própria interpretação (JAMESON, 1985, p. 255).

Ao recorrer à famosa “Introdução” da *Formação da literatura brasileira*, encontramos essa posição que favorece integração dos níveis de fatores externos,

fatores individuais do autor e dos fatores específicos para que o comportamento do crítico seja o de crítico literário e não um comportamento de sociólogo, ou de biógrafo; um comportamento, enfim, não ingenuamente atrelado a um método de análise, pois na obra literária “sua importância quase nunca é devido à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira porque o faz” (CANDIDO, 2009, p. 35).

Em *Literatura e Sociedade*, estamos sem dúvida diante de reflexões significativas para a compreensão do posicionamento metodológico de Antonio Candido. Publicado em 1965, os ensaios de *Literatura e Sociedade* visavam contribuir para uma melhor compreensão da relação da forma literária e os processos histórico-sociais. Se na “Introdução” de *Formação da literatura brasileira* tratava-se de salientar que uma obra literária precisa ser estudada em si mesma, pois sua importância não implica no fato da sociedade em que surgiu estar bem documentada dentro de suas páginas, agora o enfoque da questão é que a índole referencial do fenômeno literário não seja buscada de modo exterior à obra, mas, em vez disso, que seja compreendido no próprio estudo imanente da obra. Do contrário, a abordagem seria apenas paralelística, conforme podemos compreender na resposta de Candido (*apud* WAIZBORT, 2007, p. 82) a uma entrevista em 1977:

Eu acho que a crítica sociológica é perfeitamente legítima e há obras muito importantes de crítica sociológica. Eu citaria, por exemplo, no Brasil, o livro de Raymundo Faoro sobre Machado de Assis, um livro exemplar. Eu tenho aí a sociedade, eu tenho a obra aqui e vou estudar a relação entre elas. Ele disse isso e a Independência foi assim, a Independência foi assim e ele disse aquilo. Não é isso que eu pretendo fazer, isso eu chamo de paralelismo crítico. Porque a minha ambição foi sempre fazer uma certa coisa e depois eu a vi muito bem formulada no Lukács. O mais importante, e isso é um método dialético e não um método acadêmico da sociologia acadêmica, é ver como é que o social na literatura não é propriamente social, é alguma coisa diferente, é aquela coisa que o Forster diz em *Aspectos do Romance*, o *homo fictus* é muito diferente do *homo sapiens*. [...] o homem que está dentro da ficção pode parecer demais com a vida real, mas ele já é outra coisa, ele foi extraído da vida real e posto num sistema interno de relações. Aquilo que era externo passa a ser interno. Por isso é que o romance é, ao mesmo tempo, tão parecido e tão diferente da vida real.

A menção de Antonio Candido a Georg Lukács, pelo fato de este ter realizado em suas reflexões e interpretações literárias aquilo que o próprio Candido (2010) estava procurando realizar, é importante para situar qual a prática metodológica estabelecida no ensaio *Crítica e Sociologia*, do livro *Literatura e Sociedade*. Conforme Eagleton (2011), ao longo do trabalho intelectual de Lukács há enorme esforço crítico de objetivar os princípios que ligam a estrutura formal das obras literárias às funções ideológicas da sociedade. Os problemas da estrutura formal suscitaram a Lukács diferentes posicionamentos, alguns extremamente divergentes entre si. Não obstante, permanece essencial sua reflexão para esclarecê-los no tocante ao assentamento da forma sobre uma base histórica. Nesse sentido, não são exatamente as situações temáticas que revelam as ideologias da sociedade, pois “o objeto é deformado, refratado, dissolvido”

(EAGLETON, 2011, p. 68), significando, em última instância, que “em arte os verdadeiros portadores da ideologia são precisamente as formas da própria obra, e não o conteúdo que dela se possa abstrair. Encontramos a marca da história na obra literária precisamente como literária, não como qualquer forma superior de documentação social” (EAGLETON, 2011, p. 39).

Diante de tais considerações, Lukács se manifestou no seu livro sobre *A História do Drama Moderno*, publicado em 1909, que para a prática de análise “o elemento verdadeiramente social da literatura é a forma” (LUKACS, *apud* EAGLETON, 2011, p. 35). A esse lema, Candido teria aderido, conforme sua resposta na mencionada entrevista, na qual declara que na obra literária os processos histórico-sociais não lhe são externos. Tal é o ponto chave para a compreensão de suas reflexões teóricas contidas no ensaio *Crítica e Sociologia*.

Nesse ensaio, Candido (2010) retoma a divisão crônica entre as duas mentalidades críticas que, a despeito da obra literária analisada, acabam apenas favorecendo suas teorias perfilhadas, em vez de buscar compreendê-la em sua integridade estética, aclarando, assim, a necessidade de superar essa dicotomia de explicações que enveredam somente pelos fatores histórico-sociológicos condicionantes ou o espelhamento documental e os isolacionismos formalistas. Significativamente, a possibilidade de compreender a obra literária em sua integridade estética só se tornará efetiva quando não houver dicotomização dessas visões. E depois, com a realização de uma dialética íntegra entre as duas atividades críticas, encontra-se o equilíbrio necessário ao “processo interpretativo” (CANDIDO, 2010, p. 14) da obra literária. A seu ver, esse processo de interpretação não pode ser confundido com o comportamento do sociólogo, pois a este cabe uma investigação da estrutura histórica da sociedade concebendo-a como fator externo a obra literária. Por isso, suas possibilidades de compreensão se encerram nos limites da investigação do porque um romance é preferido a outro, qual a estatística de preferência entre romances e contos, quais as origens sociais dos autores preferidos, etc.

Assim, o comportamento do crítico é de outra índole. Para delineá-lo, Candido (2010) retoma uma questão proposta por Lukács, qual seja, a de saber em que grau a história social determina a organização interna da obra literária. Segundo Candido (2010), isso é o ponto fulcral do processo interpretativo, já que o crítico precisa estudar esta organização interna, caso busque compreender o fenômeno literário em sua integridade estética. Em suas palavras, Candido (2010, p. 15) salienta que “a análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel”.

Sempre que se pretende buscar os processos histórico-sociais como fatores internos a obra literária, o analista deixa de comportar-se como sociólogo “para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como de arte” (CANDIDO, 2010, p. 17). Waizbort (2007) ressalta que uma pontualidade dessa argumentação de Candido (2010) consiste no seu “esforço em transpor a barreira da ‘crítica sociológica’ em favor da ‘crítica’” (WAIZBORT, 2007, p. 82). É nesse esforço que Candido (2010) relaciona seis modalidades de estudos sociológicos nos quais os fatores sociais externos a obra literária, como os “que formam a sua matéria, as circunstâncias

do meio que influíram na sua elaboração, ou a sua função na sociedade” (p. 21), são todos estudados a despeito da obra. Sua ênfase recai a propósito das generalizações que estes estudos sociológicos implicam, os quais a crítica deve evitar.

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constitui e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade (CANDIDO, 2010, p. 21).

Ao fim e ao cabo, Candido (2010), em seu ensaio *Crítica e Sociologia*, posiciona-se contra qualquer comportamento crítico que não vise a compreensão da obra literária em sua integridade estética, propondo que essa compreensão só será possível quando se superarem as dicotomias entre a forma e conteúdo. Ao contrário dessas mentalidades críticas, precisa haver a percepção de que os processos histórico-sociais são, na realidade, imanentes à estética da forma literária, pois o que ocorre na criação literária é o fato dos “elementos de ordem social [serem] filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura” (CANDIDO, 2010, p. 24).

3 O processo de redução estrutural como eixo da crítica literária dialética de Antonio Candido

Seguindo a pista das reflexões capitais de Antonio Candido, pode-se observar que, desde a publicação de sua tese sobre Sílvio Romero, em 1945, até o surgimento do ensaio *Crítica e Sociologia*, incluído no livro *Literatura e Sociedade*, em 1965, o autor de *Parceiros do Rio Bonito* desbravou um caminho ao longo desses 20 anos que lhe permitiu conceber o nexos de relação entre forma literária e processo histórico-social de modo que estes se tornam internos na obra literária, sendo compreendidos em seu núcleo estético. Conforme Waizbort, esse modo de conceber de Antonio Candido equivale à ideia de que o “romancista desvela a estrutura social profunda (mesmo que sem o saber) e a converte em forma literária” (2007, p. 204). Daí a equação a que chegou Candido (2010), ao propor que o processo histórico-social importa “não como causa, nem como significação, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura” (p. 18).

Essas reflexões mais teóricas tornam-se um posicionamento metodológico de Antonio Candido em dois importantes ensaios, “*Dialética da malandragem*” (1970) e “*De Cortiço a cortiço*” (1993). O ensaio interpretativo do romance *Memórias de um sargento de milícias* é considerado por Schwarz (1989) como a primeira análise realmente dialética de uma obra literária realizada no Brasil. Em *Dialética da Malandragem*, publicado em 1970 na *Revista do Instituto Estudos Brasileiros*, um dos intuitos de Candido era de justamente analisar o romance de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) para evidenciar que a obra literária vista como autônoma, em que os processos histórico-sociais são internos a ela, resulta em um reconhecimento mais acurado de sua organização interna, bem como de sua real relação com as características da história social da qual surgiu. Ao ser coerente com suas reflexões teóricas elaboradas

anteriormente e aprofundando-as ainda mais, esse estudo revelou-se exatamente como aquela tarefa enunciada na *Plataforma da Nova Geração*, ao se referir à sua geração: “esclarecer o pensamento e pôr ordem nas ideias” (CANDIDO, 2002, p. 246). Em outras palavras, esse estudo representou o amadurecimento de suas reflexões teóricas, pois ordenou as ideias a respeito do método dialético de interpretação do fenômeno literário.

Em linhas gerais, nesse ensaio, Candido (1993) retoma as considerações feitas a respeito do romance *Memórias de um sargento de milícias* para contrapor seus argumentos, a começar por desconsiderá-lo como herdeiro do romance picaresco, propondo que o protagonista seja visto como malandro. Ao voltar-se inteiramente sobre essa figura do malandro, o romance não seria um precursor do realismo como consideraram os analistas anteriores, pois seu autor não teria considerado no nível das descrições nenhum dos principais conflitos sociais, o que fez Candido (1993) considerá-lo como um romance representativo. Como não se trata de nenhuma documentação dos costumes sociais, a força do romance enquanto nexos com a sociedade brasileira do século XIX consiste nas ações de seus personagens. Segue-se a isso o fato do romance não se enquadrar “em nenhuma das racionalizações ideológicas reinantes na literatura brasileira” (CANDIDO, 1993, p. 51). Todo o processo de análise de Candido (1993) foi muito bem sintetizado por Schwarz (1989, p. 130):

no estudo de Antonio Candido o ato crítico (a justificativa racional de um juízo literário) reúne: uma análise da composição, que renova a leitura do romance e o valoriza extraordinariamente; uma síntese original de conhecimentos dispersos a respeito do Brasil, obtida à luz heurística da unidade do livro; a descoberta, isto é, a identificação de uma historiografia literária do país, cujo ensaio modifica; e a sondagem da cena contemporânea, a partir do modo de ser social delineado nas *Memórias*.

Tudo bem ponderado, o posicionamento metodológico de Candido (1993), neste ensaio interpretativo, ao buscar compreender como ocorreu na forma literária de *Memória de um sargento de milícias* a apreensão dos processos histórico-sociais do século XIX, resultou em êxito, segundo Schwarz (1989), pois como realça o autor de *A lata de lixo da história*, nessa busca do externo que se tornou interno à organização da obra literária consiste “o principal da posição metodológica de Antonio Candido” (SCHWARZ, 1989, p. 133). Para Candido (1993), esse posicionamento estratégico ao analisar uma obra literária é tremendamente importante para não cometer a mutilação sociológica de conceber o fenômeno literário como “uma série de quadros descritivos dos costumes do tempo” (p. 34), porque o analista concebe-a a modo de que “seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (p. 09). Conceber a obra literária como estrutura autônoma é, com efeito, o cerne desse posicionamento, conforme o próprio argumento de Candido (1993, p. 09):

o meu propósito é fazer uma crítica integradora, capaz de mostrar (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de

uma organização estética regida pelas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser.

Para que haja autonomia, de fato, é preciso que a obra literária comunique uma “impressão da realidade” (CANDIDO, 1993, p. 35) através do encadeamento sistemático de suas próprias leis internas, e nisso não é necessário haver nenhuma alusão mecânica aos fenômenos sociais. São nesses encadeamentos sistemáticos que se encontra a possibilidade de compreensão dos fatores sociais que se tornaram internos à obra literária, pois constituem a forma da obra. Em sua perspectiva, a proposta dos elementos históricos da estrutura social, transfigurados pela forma literária, resulta na compreensão de “que uma forma real [...] é transformada em forma literária, isto é, em princípio de construção de um mundo imaginário”, conforme explica Schwarz (1989, p. 142).

É nesse entendimento de uma obra literária que possui uma realidade imaginária distinta dos processos histórico-sociais, porém comunicada coerentemente através de sua forma, em que reside a importância do mencionado propósito de Candido (1993) em fazer uma crítica integradora. Com efeito, esse propósito remete “a um movimento estratégico e significativo para se compreender a posição de Antonio Candido” (WAIZBORT, 2007, p. 112), porquanto consistir o seu empenho de compreender como foram reordenados em nível de forma literária os elementos históricos da estrutura social. Por isso, sua consideração de que

uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária. Se conseguir realizar esta ambição, ele poderá superar o valo entre “social” e “estético”, mediante um esforço de compreensão do processo que gera a singularidade do texto (CANDIDO, 1993, p. 10).

Assim, a rigor, a crítica integradora que Candido (1993) se propôs a realizar consiste no processo de interpretação da obra literária no sentido de reconhecer como os processos histórico-sociais foram reordenados pela forma literária, tornando-se uma estrutura narrativa autônoma, pois é na organização estética dessa narrativa que se encontra o verdadeiro nexos da obra literária com a sociedade. Cordeiro (2006) considera a necessidade de frisar que a perspectiva crítica de Antonio Candido não é culturalista e sim materialista, o que

quer dizer que ao invés de simplesmente ver a literatura como algo que permite que se analise e se compreenda a sociedade, ela aparece como sua reprodução, algo que repete o padrão histórico, mas de modo diferenciado. Assim, a articulação entre literatura e sociedade se dá em um nível mais complexo (no nível da forma) e mais substanciado numa reflexão sobre o conjunto de relações especificadas historicamente. A história aqui não é uma abstração com contornos temporais, mas a objetivação de relações sociais mediadoras de condições econômicas, políticas e ideológicas. Portanto, a complexidade e a substância dessa reflexão estão lastreadas pela noção materialista de forma,

conceito através do qual a análise permite compreender a ação e reação recíprocas entre texto e contexto (p. 237).

Consequentemente, todas as preocupações de análise são transferidas para a obra, considerando-a como resultado, isto é, a atividade interpretativa não se interessará primordialmente pelos processos histórico-sociais, porém seu foco consiste na obra como realidade autônoma derivada da reorganização estética desses elementos.

Redução estrutural é, pois, o conceito formulado por Candido (1993) para desenvolver metodologicamente esse preceito crítico de que a obra literária reorganiza a matéria que os processos histórico-sociais lhe influem, para estabelecer uma estrutura narrativa autônoma em que a análise, que não se pretenda mutiladora ou casuística, se engendra a partir das próprias leis desse mundo imaginário que é o fenômeno literário. Significa, a rigor, que a forma literária é uma redução dos processos histórico-sociais de determinada cultura. Corrêa e Hess (2015) assinalam, no indispensável trabalho intitulado *Termos-chave para a crítica estética marxista*, que a importância do posicionamento metodológico de Candido está no fato de que são consideradas questões essenciais à análise objetiva da produção literária como práxis e como parte na produção humana: “a mediação, pelo trabalho, entre as partes e o todo, que se articulam de forma dialética e, por isso, compõem um todo orgânico” (CORRÊA; HESS, 2015, p. 132).

É precisamente compreender como se efetua a *redução estrutural* da obra literária um dos interesses do analista, mesmo possuindo uma estrutura autônoma, pois o analista não a conceberia com uma mentalidade a-histórica. Candido (1993), ao verificar em *Memórias de um sargento de milícias* que não havia alusões de ordem documental à sociedade, salientou qual seria o procedimento analítico aplicado:

na verdade, o que interessa à análise literária é saber, neste caso, qual a função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra — isto é, um fenômeno que se poderia chamar de formalização ou *redução estrutural dos dados externos* (p. 33, grifo nosso).

Portanto, temos até aqui, de forma didática, quatro componentes do posicionamento metodológico de Antonio Candido: a) redução estrutural é o modo no qual os fatores sociais são esteticamente reorganizados para surgir a coerência interna da obra literária, cabendo ao analista também estudá-la; b) é no núcleo da coerência estética que se encontram os processos histórico-sociais, compreendidos como imanentes à estética da forma literária; c) a autonomia da obra literária é devido ao encadeamento sistemático de leis próprias de seu mundo imaginário, pois somente com essa coerência a obra comunica uma impressão de realidade; e d) a obra literária é vista como resultado, o que significa que é estudada em si mesma, pois possui uma estrutura autônoma.

Com esses quatro componentes unidos, quando o analista se debruçar sobre uma obra literária, pode realizar uma crítica integradora que compreenda “o sentido profundo” (CANDIDO, 1993, p. 44). De acordo com Waizbort (2007), esse propósito de

surpreender os processos histórico-sociais em análise imanente da obra literária através de uma crítica integradora constitui a conclusão de suas reflexões teóricas, pois, ao demonstrar em sua análise das *Memórias de um sargento de milícias* que os fatores sociais se tornam internos pela redução estrutural, Antonio Candido evidenciou que

o problema da realidade na obra literária não depende, no fundo, da aparência, das camadas superficiais da obra e do que ela apresenta, mas da profundidade; profundidade esta que se revela e que se abre na confluência da estrutura e processo. É por essa razão que reiterou, mais de uma vez, que o seu problema é o da *redução estrutural*, através do qual seria possível equilibrar esses aspectos diferentes (WAIZBORT, 2007, p. 250, grifo nosso).

4 Uma observação final

Embora não foram visadas análises exaustivas, percebemos que a busca de uma medição entre literatura e sociedade foi uma reflexão constante para o autor de *Parceiros do Rio Bonito*. Ao buscarmos compreender como foi construído o conceito de *redução estrutural* em suas reflexões analíticas a respeito das relações entre forma literária e processo histórico-social, compreende-se que se trata evidentemente de um posicionamento metodológico mais difícil do que tomar a obra literária como reflexo documental da sociedade ou isolá-la em âmbito formalista, de modo que tal perspectiva de crítica literária dialética se efetivou devido à “erudição segura, a atualização teórica, a pesquisa volumosa, a exposição equilibrada e elegante, o juízo de gosto bem argumentado” apresentadas pelo autor de *Literatura e Sociedade* “numa escala inédita entre nós” (SCHWARZ, 1999, p. 46). Por isso, a vontade de rigor em compreender a obra literária em sua integridade estética, sem optar por uma mentalidade *a-histórica*, fez do conceito *redução estrutural* um importante elemento para compreender que o fenômeno literário se abre para amplas dimensões existenciais e culturais, sem perder de vista sua característica ideológica.

Referências

BERRIO, Antonio Garcia; FERNANDEZ, Teresa. *Poética: tradição e modernidade*. Tradução de Denise Radanovic Vieira. São Paulo: Littera mundi, 1999.

CANDIDO, Antonio. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.

CANDIDO, Antonio. Plataforma da nova geração. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 237-250.

CANDIDO, Antonio. *O Método Crítico em Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009, p.25-39.

CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: _____. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2010, p.13-25.

CEVASCO, Maria Elisa. O diferencial da Crítica Materialista. *Revista Ideias* do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, São Paulo, v. 4, n. 2, 2013, p. 15-30.

CORDEIRO, Marcos Rogério. Sobre o método crítico de Antonio Candido em Formação da Literatura Brasileira. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, v. 26, n. 36, 2006, p. 225-242.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis; HESS, Bernard Herman. Termos-chave para a crítica estética marxista. In: VILLAS BÔAS, Rafael; PEREIRA, Paola Masiero (Org.). *Cultura, arte e comunicação*. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p. 109-159.

EAGLETON, Terry. Estruturalismo e semiótica. In: EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 137-190.

EAGLETON, Terry. Forma e Conteúdo. In: EAGLETON, Terry. *Marxismo e Crítica literária*. Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2011, p. 37-69.

JAMESON, Fredric. Rumo à crítica dialética. In: JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma: teorias dialéticas da Literatura no século XX*. Tradução de Iumna Maria Simon. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 235-329.

MERQUIOR, José Guilherme. A crise do paradigma formalista. In: MERQUIOR, José Guilherme. *Crítica 1964-1989*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 427-439.

MOTA, Carlos Guilherme. Raízes do pensamento radical. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1977, p.110-153.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de "Dialética da Malandragem". In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 129-155.

SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileira: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 46-58.

WAIZBORT, L. *A Passagem do Três ao Um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.